

**Evidências do pensamento decolonial na literatura científica gestáltica brasileira**

*Evidence of decolonial thinking in brazilian gestalt scientific literature*

Adelma Pimentel  
Universidade Federal do Pará (UFPA)  
Belém-Pará-Brasil

**Resumo**

Revisão sistemática para verificar na Revista da Abordagem Gestáltica e da IGT na Rede se há nos textos um enfoque da *Decolonialidade*. O livro *Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina* de Aníbal Quijano descreve o pensamento decolonial. Critérios de inclusão: publicações de 2011 até 2022 que mencionassem questões decoloniais; acesso aberto na web; de exclusão: outros temas; ausência de elementos do pensamento decolonial; publicações web de 2023 e 2024. As bases de dados foram repositórios das revistas. A coleta: agosto a outubro de 2024. Resultados: a RAG é voltada mais a questões epistemológicas clássicas; a IGT na REDE tende a publicar experiências de profissionais em Gestalt-terapia. Conclusões: há reflexões decoloniais muito incipientes nos periódicos. É necessário diálogo com o pensamento decolonial que busca dismantlar as estruturas de poder e conhecimento que perpetuam a desigualdade e a opressão, o que permite às autoras e autores atualizar o compromisso pessoal com o coletivo e às demandas humanas planetárias do Século XXI.

**Palavras-chave:** periódicos; colonialidade; Gestalt-terapia; decolonialidade.

**Abstract**

Systematic review to verify in the Journal of the Gestalt Approach and IGT on the Web whether there is a focus on Decoloniality in the texts. The book *Coloniality of Power, Eurocentrism and Latin America* by Aníbal Quijano describes decolonial thinking. Inclusion criteria: publications from 2011 to 2022 that mentioned decolonial issues; open access on the web; exclusion criteria: other themes; absence of elements of decolonial thinking; web publications from 2023 and 2024. The databases were Journal Repositories. Collection: August to October 2024. Results: the RAG is more focused on classical epistemological issues; the IGT on the Web tends to publish experiences of professionals in Gestalt therapy. Conclusions: there are very incipient decolonial reflections in the journals. There is a need for dialogue with decolonial thinking that seeks to dismantle the structures of power and knowledge that perpetuate inequality and oppression, which allows authors to update their personal commitment to the collective and to the planetary human demands of the 21st century.

**Keywords:** periodicals; coloniality; Gestalt therapy; decoloniality.

## **Introdução**

O pensamento decolonial é uma importante contribuição às pesquisadoras que buscam desvelar relações entre saber e poder que a ciência psicológica produz e dissemina. As publicações nele inspiradas oferecem indicadores de visibilidade das populações que habitam o Brasil e o mundo. Examinar se na literatura publicada em periódicos brasileiros, especializados em Gestalt-terapia há um enfoque da *Decolonialidade* é o objetivo do texto. A questão norteadora foi: há reflexões decoloniais nas publicações divulgadas na Revista da Abordagem Gestáltica (RAG) e IGT na Rede? A interrogação busca respostas que consideram os “saberes dos povos originários como válidos e /ou equivalentes”. (Moebus et al, 2024, p 1). Ao verificar materiais do campo temático, elaborei um quadro conceitual característico dos autores que pesquisam e escrevem sobre o pensamento decolonial e cotejei as publicações gestálticas.

Em 2022 a psicologia brasileira completou sessenta anos; alguns conselhos regionais e o federal de Psicologia publicaram textos contendo uma pequena avaliação do percurso, analisando sua história de ambos os lados: hegemônico e decolonial. Por sua vez, a Gestalt-terapia completou cinquenta anos, já que foi inserida no país nos anos de 1970, o que torna necessária auto avaliações e autocríticas, igualmente, de ambos os lados. (Mendes & Costa, 2022).

A relevância científica do trabalho visa fornecer material para incremento de projetos pedagógicos de graduação em psicologia, inserindo obras que tematizem os saberes multiculturais; e na especificidade da Gestalt-terapia brasileira ampliar o rol de autores de todas as regiões do Brasil. A relevância social está em elencar publicações que transversalizam reconhecer o outro em sua diversidade e diferença. (Palermo; Guimarães, 2021).

Mignolo (2007), em reunião do coletivo modernidade/colonialidade, em 2003, narrou alguns aspectos, em que as questões gênero, raça e natureza foram problematizadas como teorias e políticas a serem desenvolvidas na América Latina. Referiu que “A prática epistêmica decolonial surgiu como consequência da formação e implementação da matriz colonial de poder que Aníbal Quijano descreveu no final da década de 1980”. Em outra reunião do grupo, no ano de 2005, prosseguiu apontando que o debate das exclusões assinalava a gênese do pensamento decolonial, “A própria concepção da colonialidade como

constitutiva da modernidade já é um pensamento decolonial em curso”. (Mignolo, 2007 p 28, 26).

Fanon, referente ao racismo afirmou, “A descolonização é um processo histórico, não pode ser compreendida, não encontra a sua inteligibilidade, não se torna transparente para si mesma senão na exata medida em que se faz discernível o movimento que lhe dá forma e conteúdo”. (Fanon, 1968, p 27). Com este escopo situo que o texto é constituído pelas seções: apresentação do pensamento decolonial: origem e bases conceituais; metodologia; resultados; discussão; considerações finais.

### **Origem do pensamento decolonial**

Azevedo (2018) discorreu sobre o legado de Anibal Quijano, teórico criador do termo *colonialidade do poder*, que analisou “a formação do capitalismo com base no colonialismo e sua expansão à globalização do século XXI” (Azevedo, 2018, p 2). Uma marcante característica da ação colonial foi (é) formar introjeções crônicas acerca da subjetividade, de modo a se tornar “um processo contínuo. O rompimento burocrático da relação metrópole e colônia perpetuava outras formas estruturais da dominação em diferentes sujeitos. A modernidade, eurocentrada, construiu o Outro, negro e latino-americano, por meio da dominação”. (Azevedo, 2018, p 2). Nesta lógica, os parâmetros que definem a liberdade são a propriedade e a acumulação, o que reifica alguns homens brancos europeus como livres, tornando-os políticos e dirigentes do estado; enquanto os demais são classificados e tratados/qualificados subalternos, conforme a riqueza, a cor da pele e a linhagem ascendente.

O autor situa que na teoria decolonial há uma potente categoria analítica a ser desconstruída por interferir na subjetivação, ao transmitir nos discursos qualidades negativas sobre o Outro não europeu: “degenerado (a), inferior para manter grande parte da humanidade excluída, o (a) s indígenas, o (a) s refugiados); exploração do trabalho (o (a) s negros, latino (a) s e os asiático (a) s pobres em seus países); dominação burguesa-patriarcal (mulheres)”. (Azevedo, 2018, p 4)

Anibal Quijano (2005) analisou os pilares da ação colonizadora da Europa Ocidental no projeto de composição do seu pensamento decolonial. Investigou a lógica eurocêntrica dos parâmetros atribuídos a singularidade do europeu como “senhor”, e a justificativa que colocou o continente na condição de “soberano” do direito a invadir e expropriar os países dos continentes “não civilizados”.

## *Evidências do pensamento decolonial na literatura científica gestáltica brasileira*

Caracteriza a lógica eurocêntrica a normatização do trabalho escravo, determinada pelo fenótipo e cor da pele, dando início a categoria raça e a classificação de negros como “inferiores”, ao lado de índios. Marcada por reducionismos a lógica expande as fronteiras geográficas determinado o modelo capitalista global de exploração do trabalho, apropriação das riquezas minerais; negando a diversidade cultural, quando não as aniquilando por meio da moral religiosa judaico-cristã. Colonizar, implicou regular as formas de conhecer, em base a neutralidade, a generalização da “verdade”; as relações sociais, o pagamento do salário, delegando aos “brancos” o privilégio do poder de governar o (futuro) estado-nação. A cor da pele do homem europeu tornou-se a representação e de fato a guia da “fundação” da modernidade.

Sobre o surgimento do pensamento decolonial, Mignolo (2007) afirmou: “germinou na fundação da modernidade/colonialidade nas Américas, no pensamento indígena e no afro-caribenho; continuou na Ásia e na África, como contrapartida à reorganização da modernidade/colonialidade do Império Britânico e do colonialismo francês”. (Mignolo, 2007, p 27). Outro elemento fundante no pensamento decolonial é apresentado em Haesbaert (2021): o conceito de território se insere no “giro espacial”, enfatizando a dimensão espacial das sociedades, e produzido, entre outros, pela luta dos movimentos culturais e ecológicos. Retoma o princípio “Kampf ums Dasein” = luta pela existência para focalizar “ como “luta por espaço”, nos termos de Ratzel. No que diz respeito aos grupos subalternos, na “América Latina” a luta pela existência é, para muitos, em primeiro lugar, a luta por espaço (social e natural ao mesmo tempo), a defesa de um território. (Haesbaert, 2021, p 30).

### **Base conceitual**

Lugones (2020) aponta Quijano (2005) na composição do pensamento feminista decolonial. Usa o termo “mulheres de cor” em direção aquelas não contempladas como sujeitos, reconhecendo sua não homogeneidade; concomitantemente retoma a cogente vinculação solidária “entre as vítimas da dominação e exploração que constituem a colonialidade” (Lugones, 2020, p 6).

Furtado de Melo (2021) faz uma analítica visando desenvolver uma hermenêutica topológica, a partir da América Latina, “problematizando seu lugar de enunciação”. (Furtado de Melo, 2021, p 34). Os discursos transmitem, conservam e atualizam as ideologias do poder colonial, logo, é preciso denunciar, por exemplo, as táticas de configuração da identidade nacional brasileira, pautadas no “apagamento da memória de onde se vem (territorialidade)

ou de quem se vem (ancestralidade) ao se valorizar e promover uma síntese”. (Furtado de Melo, 2021, p 31). Também, atentar para o que ocorre no interior da estratégia, “ao mesmo tempo, o apagamento da violência colonial e de todas as suas formas de silenciamento e genocídio de pessoas, povos e formas de viver e pensar não Ocidentais”. (Op. Cit, p 31). Examinar o jogo da enunciação favorece a manifestação de outras vozes para além da narrativa do colonizador.

Dimenstein et al (2021) igualmente referenciam Quijano (2005) na crítica da Universidade como instituição que “contribui” para a manutenção do poder hegemônico, nos moldes do colonizador, “No Brasil, a criação do ensino superior público visava fortalecer as elites na colônia. A universidade, local de prestígio social, autoridade e poder é um campo de tensões e disputas entre corpos políticos e os projetos societários, os de cunho imperial/colonial/patriarcal”. (Dimenstein, et al, 2021, p 691). Também, em menor volume e escala, as Universidades são espaços de resistência, em que os estudos pós-coloniais podem ser realizados por grupos como, o Latino-Americano de Estudos Subalternos.

A psicologia seguiu o mesmo princípio norteador da criação da Universidade brasileira, reproduzindo as cátedras europeias e a epistemologia científica positivista na graduação e na pós-graduação. Na Universidade Federal do Pará (UFPA), por exemplo, o curso de psicologia completou em 2023 cinquenta anos, sendo que, apenas, em 2011 se deu a primeira grande mudança curricular, assinalada por muitas disputas de poder e saber. (Resolução 4.216, 2011). Ocorreu por exigência do Ministério da Educação de implantação das diretrizes curriculares, determinando a eliminação do currículo mínimo, composto pelas disciplinas obrigatórias: fisiologia I e II; estatística aplicada à psicologia; psicologia social I e II; psicologia social e experimental, psicologia do desenvolvimento I e II; psicofísica, senso percepção I e II; psicologia da personalidade I e II; psicopatologia geral I e II, elementos de física; psicologia experimental avançada I e II; genética e evolução; história e sistemas em psicologia. (Resolução 194, 1973).

Durante os inúmeros debates para implantação das diretrizes curriculares, se deu a inserção de um desenho epistemológico, com distribuição da carga horária mais igualitária em atividades básicas, incluindo eixos política e interdisciplinaridade; cinco ênfases: educação, clínica; saúde; gestão e pesquisa; atividades complementares, e tópicos especiais, em que docentes e pesquisadoras trabalham os seus campos de inserção política, social e

científica. Tal cenário, pelo menos na representação, ficou mais próximo de abordagens decoloniais, enfrentando a baliza behaviorista do curso, semelhante à das outras regiões brasileiras. Na UFPA

Pereira et al (2022) aderem as pesquisas sobre a contribuição do pensamento decolonial na Psicologia, afixando o marco temporal dos anos 90 do século XX e Aníbal Quijano como referência no âmbito das ponderações da, “(...) Colonialidade e seus desdobramentos, procurando retomar uma série de problemas históricos e sociais há muito tempo considerados como encerrados ou tornaram-se invisíveis” (Pereira, et al, 2022, p 182).

Os articulistas mencionam dois outros pontos de vista acerca de questões que atingem a sociedade sem privilégios econômicos: os estudos subalternos, representados por Ranajith Guha, historiador indiano; e delineamentos pós-coloniais, vinculados aos “(..). Principais centros acadêmicos do mundo, focam na análise do discurso e da textualidade, com uma forte influência na produção periférica e no discurso dominante (Pereira, et al, 2022, p 182). Na esfera do pensamento decolonial as características organizadoras são: concepção de sujeito, saúde e a estrutura de (...) “Uma matriz colonial do poder (MCP) e a construção de um padrão de normalidade, saúde, doença, natureza e subjetividade”. (Pereira, et al, 2022, p 182).

No texto, os autores ilustram a constituição da Psicologia brasileira, destacando à tentativa de consolidação científica, por meio da avaliação psicológica aplicada aos “doentes mentais asilados”; a perfilar terroristas, e a seleção de quais alunos poderiam cursar a educação profissional no período Vargas. Consideram necessária a revisão da postura da Psicologia, por meio de “(...) Uma discussão epistemológica da hierarquização do conhecimento e formas de produzi-lo (métodos), em que, a medida paramétrica se dá a partir de uma leitura racializada do mundo”. (Pereira, et al, 2022, p 185).

Pereira et al (2022) indicam que a esperança na obtenção da “justiça cognitiva” na Universidade e na Psicologia, especificamente, tem sido fortalecida em trabalhos de grupos que desvelam as dinâmicas contidas na lógica da “universalidade” do saber, do “apagamento” e “esquecimento” das culturas das populações indígena e negra. Ao questionarem “Em que medida a universidade ainda demanda um esquecimento de quem se é — negação do ser — em prol de um vir a ser que, paradoxalmente, não é sentido nem vivido como autêntico?”; delimitam o reconhecimento da “alteridade e a pluralidade de perspectivas de pensamento e formas de produção de conhecimento”? (Pereira, et al, 2022,

p 186). Este princípio contido no pensamento decolonial contribui para que estudantes e docentes “não brancos” afirmem sua cultura.

Poó & Ostrovsky (2022) debatem na Argentina desafios sobre a formação e a identidade de psicólogos. De suma relevância ponderar sobre “ascensão do inglês como língua predominante da ciência e a tensão entre autonomia e dependência acadêmica. Ambos problemas centrais para a compreensão da geopolítica e da dinâmica de produção e circulação do conhecimento psicológico no sistema acadêmico global”. (Poó & Ostrovsky, 2022 p. 119). Os autores definem descolonizar como o “questionar criticamente a roupagem de universalidade que nutre a nossa psicologia. Envolve pensar sobre quais saberes e práticas formaram nossa matriz disciplinar e em que condições históricas foram utilizadas como tais”. (Op cit p 121). Acerca do “giro monolinguístico” assinalam a crescente ocorrência de congressos internacionais de psicologia que favoreceram a expansão e/ou adoção do inglês como idioma “oficial”; somada ao predomínio do inglês nas publicações na PsycINFO e no ISI-Web of Science.

Alertam que a propriedade das revistas científicas e das bases de dados é de empresas/editoras multinacionais, “É comum que livros, relatórios técnicos e outros tipos de produções não sejam indexados. Em segundo lugar, conhecimento científica ultrapassa a produção escrita que se torna visível através de sistemas de indexação” (Poó & Ostrovsky, 2022, p 124).

Salazar & Velázquez (2016) descrevem um estudo de caso clínico realizado a um jovem mexicano, que vivenciou a deportação dos EUA. Ao agregar este texto ao conjunto de materiais me embaso na apresentação de elementos sociais e políticos ao procedimento gestáltico, quando ponderam sobre os motivos para migrar e o doloroso processo de “aculturação” exigido em outro país, “A pessoa que migra é um sujeito que deve enfrentar a luta entre a manutenção do que se constitui como pessoa e novas diretrizes que devem ser apreendidas e incorporadas para sobreviver às circunstâncias; a ressocialização envolve características psicológicas, atitudes, valores, habilidades sociais, ajustamento ou adaptação a um ambiente”. (Salazar; Velázquez, 2016, p. 194)

No texto foi possível observar que a clínica desenvolvida não esteve centrada, unicamente, no exame de “conflitos intrapsíquicos, decorrentes de ajustamentos deliberados, sim, centrada na atribuição de sentido ao não pertencimento nos EUA, a

dificuldade em vincular-se, e aos impactos psicossociais na sua identidade, “Aparentemente foi difícil para ele construir uma identidade com a cultura americana devido às diferenças de classe e raça, onde estava chamado de “mexicano” depreciativamente, reconhecido como tal, pela repetição constante, na família, nos grupos sociais, do que por uma verdadeira identidade cultural mexicana. (Salazar; Velázquez, 2016, p. 194).

Sistematizo no quadro um as principais balizas do pensamento decolonial: ênfase nas exclusões dos sujeitos que não fazem parte da “elite” branca que gerencia o estado e o capital; as relações interpessoais permeadas pela violência sutil e eschachada proferida (verbal) e praticada (física), como no caso do mexicano (acima citado), sem laços identitários fortes dentro e fora do país de origem. Reconhecer estas dinâmicas fazem parte de uma clínica decolonial. (Palermo; Guimarães, 2021).

#### Q1. Categorias conceituais

Pensamento Colonial	Pensamento Decolonial
Eurocentrismo	Rejeição ao eurocentrismo, ao capitalismo
Escravidão	Crítica à Universidade (enquanto polo reprodutor do poder dominante)
Capitalismo (gestão do trabalho)	Recuperar sujeitos “invisíveis”
Invisibilidade de populações não brancas	Afirmção da cultura indígena e negra; Valorização dos saberes tradicionais;
Discurso dominante	Resistência, Esperança e Resiliência
Matriz de poder universal	Distribuição do poder entre os povos
Visão de ser humano: branco superior, cisgênero	Visão do ser humano baseada na diversidade e diferença
Controle da sexualidade e do corpo das mulheres	Abertura para expressão do desejo pelas mulheres, LGBTQIA+ fora do eixo binário
Matriz de normalidade: saúde, doença, subjetividade	Matriz do cuidado baseada na intersubjetividade e reconhecimento da alteridade
Epistemicídio (desvalorização dos saberes não eurocentrados)	Abertura para a insurgência de conhecimentos das populações originárias, e negra

Fonte: a autora, 2024

#### Método

Revisão sistemática em periódicos especializados em Gestalt-terapia para responder a questão da pesquisa. Usei como dispositivo análises de artigos publicados na Revista da Abordagem Gestáltica (RAG) e IGT na Rede; todos os textos estão disponíveis no portal PEPSIC e no *Open Journal Systems* (OJS). Os critérios de inclusão foram: ensaios teóricos e filosóficos; relatos de pesquisa e experiência produzidas de 2011 até 2022 que mencionassem, direta ou indiretamente, questões decoloniais, em português, espanhol e inglês, e com acesso aberto na web. Sobre decolonialidade inclui e-books e livros; alguns artigos que integram o dossiê publicado no periódico Ekstasis; e materiais divulgados no México, Espanha e



Argentina. Os critérios de exclusão foram estudos em idiomas que não os citados; acesso pago e outras áreas científicas da Psicologia; ausência de elementos do pensamento decolonial; e publicações no portal OJS dos anos de 2023 e 2024 dos periódicos RAF e IGT na Rede.

As bases de dados eletrônicas foram: PEPSIC; Elsevier; Repositórios da UFPA (PPGP); e da BIBLAT: biblioteca latino-americana. A pesquisa foi realizada de agosto a outubro de 2024. As estratégias de busca foram: inclusão dos descritores decolonialidade; epistemologia; conceitos; racismo; etnia; Gestalt-terapia. A busca foi manual. A base teórica de referência para extração de categorias analíticas foi o livro: *Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina* de Aníbal Quijano (2005); artigos: *O Pensamento Decolonial: Conceitos para Pensar uma Prática de Pesquisa de Resistência* de Oliveira et al, (2021); *Diferença epistêmica e diferença colonial: o papel do comparatismo contrastivo e das hermenêuticas pluritópicas*, de Palermo (2021); *Hermenêuticas topológicas, Filosofia latinoamericana e pensamento decolonial: a tarefa de descolonizar nosso pensamento*, Melo, (2021); *Ensaio sobre racismo e ontologia: ser humano enquanto relações sociais não tematizadas*, Barros, (2021); e artigos da Psicologia, 60 anos, e a Crítica da Crítica, de Costa & Mendes(2022); *Produção de conhecimento, psicologia e pensamento decolonial*, Dimenstein, et al. (2022), e *o pensamento decolonial na psicologia brasileira*, de Pereira et al (2022).

O processo de triagem dos estudos se deu pela leitura dos títulos, resumos e texto completo. Os dados foram organizados em planilha Excel. A extração foi em duas etapas: em um processo que nomeei de base de referência, composta por materiais que formaram um quadro de definições e ideias do pensamento decolonial: conceito; autores; áreas de aplicação; na segunda, análises cotejando as categorias textuais e as publicações de autores da GT, verificando os temas, os participantes, as intervenções e os resultados. Os dados são apresentados na forma de quadro e descritivo-analítica.

## **Resultados**

A RAG foi constituída no portal PEPSIC em 2007, contando neste canal até 2022 com 38 números publicados, e um total de 475 textos. Em 2017 começou a publicar três volumes, sendo em 2018 e 2020 quatro tomos, devido um nomeado “especial”. Em 2022 ocorreu a interrupção da publicação no PEPSIC por dificuldade da gestão do mesmo; assim, somente publicou 1 número. É o mais antigo veículo a divulgar artigos em enfoque gestáltico. O IGT na

Rede foi instituído no PEPSIC em 2012, contando em 2022 com 12 volumes, nos quais localizei um total de 79 textos. Atualmente, os dois periódicos usam a plataforma OJS. O PEPSIC está em processo de reestruturação administrativa, o que permitiu aos periódicos retomarem no portal a sequência de veiculações sem suspensões; entretanto, para fins de análise dos documentos me ative somente aos disponíveis no PEPSIC até o ano de 2020, selecionando 12 materiais nos dois periódicos para avaliação.

### **Aproximações entre as categorias decoloniais e as publicações da RAG**

Dos 475 materiais publicados de 2008 até 2022 na RAG seis constituem a amostra selecionada, em que identifiquei artigos com alguma vinculação, mesmo indireta ao pensamento decolonial, nos anos de 2008, 2012, 2013, 2015 (dois textos) e 2021. Em 2008 a RAG publicou a resenha do livro de *Philip Lichtenberg: Psicología de la Oposición. Guía para Terapeutas y Activistas*, pela *Editorial Cuatro Vientos, Chile*. Lichtenberg tem doutorado em psicologia, vasta experiência acadêmica e prática; professor emérito de Bryn Mawr College; codiretor do Instituto Gestalt de Filadélfia, conhecido por suas ideias de esquerda e interesse por problemas sociais.

O conteúdo do livro aponta indicativos sobre Desigualdade e Opressão; Psicoterapia e Política; Fenomenologia da Vivência do Opressor e convite ao empoderamento das cidadãs, com rejeição de padrões de dominação-submissão. O livro propõe a transformação das instituições sociais opressivas e se aproxima do campo teórico do pensamento decolonial, que busca questionar e dismantelar as estruturas de poder e conhecimento estabelecidas durante a colonização, e que ainda persistem; bem como enfatiza a importância de reconhecer e valorizar as perspectivas e experiências dos povos historicamente marginalizados e oprimidos.

Fukumitsu et al (2012) expuseram um texto sobre possíveis articulações entre o sentimento de tédio e a realização do trabalho na pós-modernidade. Sua inserção no conjunto de materiais se deve pelo assunto; já que a escravidão, a apropriação da força de trabalho dos negros arrancados a força da África, foi o meio que o colonizador usou para adquirir bens e capital financeiro; e na atualidade a apropriação se dá pela redução dos postos de trabalho, com estímulo a “empregabilidade” pelo empreendedorismo. As autoras discorrem sobre o uso do tempo pelo homem, apresentam o conceito gestáltico de “vazio fértil” e situam aspectos do “peso” que na sociedade ocidental a não ocupação adquire. Entretanto, falta

diálogo com os saberes produzidos pela sociologia, antropologia, e as críticas decoloniais do trabalho.

Rodrigues & Carmo (2013) descrevem sua pesquisa empírica com homossexuais para identificar o significado de família. No estudo participaram quatro colaboradores entre 27 a 47 anos. Os autores realizaram análises pautadas na teoria de campo de Lewin, nas relações internas dos casais com suas famílias de origem e as que formaram. Não há referências ao consolidado campo dos estudos de gêneros; feministas e *queer*, o que considero cogente às análises; tampouco focalizaram a exclusão dos homossexuais e a heteronormatividade como norma presente na formação das famílias ocidentais.

Flor & Goto (2015) abordam a atuação de Psicólogos em CRAS na cidade de Uberlândia/MG, com uma pesquisa empírica para verificar a compreensão dos entrevistados sobre seu trabalho e as rotinas desenvolvidas. Os autores ressaltam que, embora “psicólogos reconheçam a importância de produções teóricas e práticas de acordo com o contexto brasileiro, a relevância de trabalhos multidisciplinares, concepções baseadas no assistencialismo e adaptação do sujeito ao meio ainda é muito presente, além de o termo *social* muitas vezes ser entendido como sinônimo de pobreza”. (Flor & Goto, 2015, p 26). Uma crítica relevante do texto é acerca da formação dos psicólogos, visando qualificar os conteúdos curriculares. Igualmente, é presumível explicar que os autores mencionam que se amplie a reflexão dos compromissos políticos dos Psicólogos acerca de sua atuação “para além dos consultórios clínicos liberais...para efetivar ações ético-políticas nas políticas sociais não basta abandonar a concepção clássica de clínica, mas abdicar da posição ingênua e acrítica a respeito dos mecanismos de dominação que o sistema atual estabelece, além de diagnosticar tais aspectos no local de atuação” (Op. Cit p 26).

Azevedo et al (2015) delinearão um estudo de caso sobre a percepção da identidade de gênero em uma travesti. A fenomenologia é inserida como suporte ontológico e metodológico. “O método fenomenológico procura descrever, explicitar a percepção categorial das pessoas, o modo peculiar que têm de ser-no-mundo ou de captar os objetos, as pessoas e as situações.” (Azevedo, et al 2025, p 204).

Os autores organizaram a análise da experiência da entrevistada em seis núcleos. Deles pinçamos dois: o *cotidiano escolar* e as *vivências sociais*, por entender que a e na escola se mantem a retransmissão da lógica binária de gênero (com poucas exceções); bem como se

realiza o *bullying* e o *ciberbullying* alimento da exclusão pelo estranhamento a expressão plena da travesti. Conforme o contexto geográfico e psicológico em que as ocorrências de violências e abusos são vivenciadas pelas crianças e adolescentes é aumentada a virulência dos ataques. Solidão e isolamento, incluindo o virtual pela prática do *shiffting*. (<https://youtu.be/5rVWTyowtFE?si=jKFrKShLeCEc9JxM>)

Os articulistas não associam suas reflexões ao enfoque gestáltico de gênero, sim a um ponto de vista fenomenológico, que também é citado por autores que escrevem em Gestalt-terapia. Representam um indicativo do pensamento decolonial ao sinalizarem a necessária ponderação sobre “Perspectivas de gênero que possam abarcar vicissitudes ao invés de enquadrá-las, patologizá-las e/ou diagnosticá-las. Podem e devem contribuir para a assunção de posturas mais sensíveis por parte de pesquisadores, profissionais de saúde e familiares envolvidos com a complexidade da diversidade sexual.” (Azevedo et al 2025, p.211)

Bernardino (2021) elabora uma problematização do aporte da fenomenologia existencial para o direito ao viver pleno de mulheres negras, brancas e das transgênero. Aponta o pioneiro trabalho filosófico de Simone de Beauvoir, “A posição a coloca em guerra com a hegemonia masculina da filosofia europeia” (Bernardino, 2021, P 48). Embora o pensamento e as ações colonizadoras estejam ligados em sua gênese a Europa, a filósofa francesa assinala a hierarquia entre homem e mulher ao afirmar que, “Os engendramentos históricos e sociais elaboraram o feminino como um *Outro*. A condição dramática de como essa identidade feminina é apontada posiciona a mulher sob o jugo opressivo do homem”. (Bernardino, 2021, P 48). No encadeamento, o autor posiciona as contribuições fenomenológicas existenciais da filósofa norte-americana Iris Marion Young sobre as condições em que o corpo vivido das mulheres é pensado, “ A mulher é submetida a uma estrutura social que objetifica seu corpo e faz com que sua experiência corpórea seja de uma *coisa*, limitada em sua potencialidade, inibida por um conjunto de elementos e relações sociais”. (Bernardino, 2021, P 48). Acresce, em base a Merleau-Ponty as reflexões de que “O corpo é mais do que objetivo, factual, mas é fenomenal e permeado de ambiguidade... Compreender que o corpo é vivido transcende o binarismo naturalizado.” (Bernardino, 2021, P 49).

### **Aproximações entre as categorias decoloniais e as publicações do IGT na Rede**

Dos 79 materiais publicados de 2012 até 2020 no IGT na Rede seis constituem a amostra selecionada, em que identifiquei artigos com alguma vinculação, mesmo indireta ao

pensamento decolonial, nos anos de 2008, 2009, 2011, 2016 e 2017 (dois textos). Aplicando as categorias conceituais descritas em Q1 a todos os materiais analisados identifiquei: Nunes (2008), que focalizou a capilaridade e a expansão do paradigma da racionalidade erigido na/com a modernidade e o capitalismo neoliberal, enquanto sistema que regula a economia, “Sem uma racionalidade mais holística que considere a existência de todas as outras dimensões da vida, induz, como tem acontecido, à desorganização o todo social e humano e garante, apenas, o processo de enriquecimento que interessa apenas a algumas partes dominantes no mundo” (Nunes, 2008, p 5). No texto há uma proposição de enfrentamento a exacerbação da individualidade egocêntrica ao criticar “ um individualismo limitante que renega a pertença do indivíduo à coletividade. O humano, ao mesmo tempo em que é livre, único e particular, necessitando efetivamente ter sua individualidade valorizada e respeitada, também é, e sempre será, um ser *em-relação*. ” (Nunes, 2008, p 7)

Santos & Lima, (2009) abordaram a condição de ser negro e o preconceito racial que impactam o desenvolvimento da identidade fecunda que a família forma, pois no mundo fora de casa há segregação explícita, “ O preconceito racial está presente, distorcendo, assim, uma identidade positiva em construção. O fato de ser negro não diz respeito apenas à sua cor, aos seus traços ou costumes, mas também à construção de uma identidade que se constitui enquanto ser humano”. (Santos; Lima, 2009, p. 3).

Na declaração sobre a necessidade em conhecer os procedimentos da escravidão ocorrida no Brasil, os autores advertem que há uma literatura transmitindo a visão do colonizador, “visões históricas deturpadas, que mostram a realidade de quem ocupa posição de domínio e poder na sociedade, levando-nos a uma interpretação equivocada sobre o significado da escravidão negra e da situação do negro hoje, assim como contribui para um sistema opressor, "fundamentado" em uma ideologia da brancura” (Santos; Lima, 2009, p. 3). Os autores, sem mencionar o pensamento decolonial, podem ser identificados com articulistas que reprocham o modo de fixação violentada dos negros no Brasil, pela ação vantajosa dos “portugueses, que a expandir seus domínios pela costa africana do século XV, iniciaram o tráfico e a escravização dos negros atividades bastante lucrativas”. (Santos; Lima, 2009, p 4).

As consequências da reiterada transmissão de representações negativas da pessoa negra por séculos, a situa socialmente em visões cristalizadas interferindo na subjetividade

da mesma, “O negro é tido como um fruto da história da escravidão; é *coisificado*, uma vez que os fatos históricos se sobrepõem à subjetividade. Sujeitos negros vivenciam o seu ser de forma coisificada, visto que não é possível se separar do conceito que se tem de si mesmo”. (Santos; Lima, 2009, p. 4)

Prestrelo & Quadros (2011) examinaram aspectos da graduação em Psicologia no Instituto de Psicologia da UERJ, buscam superar a representação clássica do curso ligado ao modelo da clínica privada. Criticam o modelo hierarquizado de transmissão do conhecimento, a partir de uma “mudança de visão de mundo como Gestalt-terapeutas e como pessoas. Uma postura política se faz necessário ao considerarmo-nos responsáveis pela orientação de estudo e estimulação da reflexão de sucessivas gerações de alunos”. (Prestrelo; Quadros, 2011, p.4)

Belmino (2016), considera gestalticamente a “natureza humana” e desdobramentos do pensamento de Paul Goodman, um dos criadores da GT para o campo da política e da educação anarquista. As premissas do pensamento de Goodman consistem no autor ser favorável a “desescolarização”; crítica a inibição da sexualidade (criadora da neurose), e ao perigo da centralização do poder, associando a resistência ao sistema anarquista, “a única política segura” (Goodman, 2010e, p. 51, citado por Belmino, 2016, p 236). “Mais do que uma proposta prática de implantação desse modelo social, uma leitura crítica das formas de centralização e burocratização da vida” (Belmino, 2016, p 236). O autor afirmou que para Goodman, “As relações de poder sempre são coercitivas, impositivas e submetem o outro”. (Belmino, 2016, p 240).

Santana & Belmino (2017) enfocaram a identidade de gênero, uma das questões presentes no pensamento decolonial. Os autores articulam o conceito a teoria gestáltica do Self produzida em 1997. Inserem a perspectiva da sexualidade, do desejo transcendendo o aspecto biológico anatômico; ilustram com a luta de grupos LGBT, em que, “Na sociedade contemporânea, as identidades reivindicam por legitimidade e respeito, no histórico das tentativas malogradas para se reconhecer cidadão, aceito e acolhido na sua diversidade, presente na invisibilidade, na exclusão e discriminação de toda e qualquer ordem não somente a de gênero.” (Santana; Belmino, 2017, p 140).

Os autores oferecem outra ponderação decolonial no texto, “O que se denomina “*minorias*” sexuais deveria ser revisto. Não podem se traduzir como uma inferioridade numérica, deve-se analisar como maiorias silenciosas que, ao se politizarem, convertem o

gueto em território, o estigma em orgulho”. (Santana; Belmino, 2017, p.148). Na conjuntura o reposicionamento “de gênero e sexuais se multiplicaram sendo impossível lidar com elas apoiadas em esquemas binários (homem e mulher), como normativos. A fronteira está sempre sendo atravessada, o que implica em dar lugar social aos sujeitos que vivem nela”. (Op. Cit. P 148)

Branco & Carpes (2017) realizaram uma revisão sistemática da produção gestáltica no SciELO e no PEPSIC, localizando 73 textos publicados no período de 1997 a 2014, concluindo que há “ uma predominância de produções teóricas em relação aos artigos empíricos e as descrições de experiências. Possivelmente, em decorrência de no Brasil, nas décadas de 1960-1970 foi disseminada como uma abordagem vivencial, a-teórica. Nos anos de 1980-2000, ocorreu maior preocupação em fundamentar o campo da Gestalt-Terapia e refletir teoricamente os seus trabalhos”. (Branco; Carpes, 2017, p7).

O importante levantamento dos autores demonstrou a vigência de uma das particularidades da relação entre saber e poder na difusão e consolidação dos conhecimentos de referência na graduação em psicologia; e especificamente, na Gestalt-terapia a composição de um modelo educativo privado, distante das normas acadêmicas da Universidade pública. Em suas palavras, “Os artigos sobre Gestalt-Terapia e Abordagem Gestáltica no Brasil, expressam a circulação de um conhecimento psicológico que, ainda, luta por se estabelecer no cenário acadêmico de propagação de Ciência. Recomendamos variedade de produções direcionadas para outras áreas além da clínica; publicação de estudos empíricos”. (Branco; Carpes, 2017, p 12)

Completo assinalando que a análises dos conteúdos das publicações selecionadas oferece respostas parciais, elaboradas em base as lentes teóricas que utilizei; o que converge para prosseguir a pesquisa que se configura um horizonte aberto nas conclusões alcançadas.

### **Discussão**

O quadro conceitual do pensamento colonial e decolonial que elaborei permitiu desvelamentos nos textos, de atributos como reconhecimento das dinâmicas de poder; questionamento ou naturalizações entre gêneros, classes, gerações, etc. Nos documentos estudados os identifiquei em graus mínimos. Publicações gestálticas orientadas pelo pensamento decolonial implicam apresentar análises que superem a “desfenomenalização do fenômeno, ou seja, seu obscurecimento ontológico” (Cabral, 2022, p. 40), expandindo

estudos a respeito de vivências de racismos, condições existenciais de povos originários; vulnerabilidades, etc.

Na RAG seis textos se inserem no debate acerca da vivência permeada pela opressão; no IGT na Rede, igualmente seis textos indicaram focalização direta e indireta do pensamento decolonial. Analisei o mesmo número de escritos nas revistas examinadas; todavia é notório que elas têm perfis totalmente distintos. A RAG voltada mais a relatos de questões epistemológicas clássicas; e a IGT na REDE tendente a descrições de práticas profissionais em Gestalt-terapia. Deste modo, interlocuções entre a Psicologia, as Ciências Sociais, a Antropologia, Educação; Epistemologias pós-modernas, entre outras áreas são formas potentes de ampliar a visão de subjetividade e de alteridade, realizar pesquisas qualitativas e publicações gestálticas.

A reconfiguração do *corpus* teórico gestáltico se deu com o aumento da pós-graduação *stricto sensu*, que desde os anos 2000 foi incrementada nas Universidades públicas, em todas as regiões brasileiras, qualificando em doutorado pesquisadoras atuantes nas instituições federais de ensino para fortalecer o processo de atualizar o conhecimento. (Holanda; Karwowski, 2004). Na Região Norte, por exemplo, foi instituído em 2005 o Programa de Pós-graduação em Psicologia em mestrado e doutorado, em que a autora deste ensaio milita, colaborando para a circulação do saber; assim, como na Região Nordeste temos vários pesquisadores e pesquisadoras, igualmente contribuindo para a resistência científica aos limites geográficos de uma visão circunscrita a regiões que mantem a hegemonia saber-poder viva. (Pimentel, 2024; Branco; Carpes, 2017; Belmino, 2020).

A presença nas publicações de pesquisadoras que vivem em todas as regiões do país, subsidia a efetividade de aportes decoloniais, e o enfrentamento dos núcleos de saber e poder que se constituem, em grande parte da ciência no Brasil e na América Latina. Conforme Branco; Carpes (2017) foi ultrapassada a fase de consolidação epistemológica da clínica gestáltica. Superar o pensamento colonial contribui para a democratização da ciência.

Reiterando este posicionamento cito a tradução feita por Guilherme A. da Silva (2024) do texto de Mariana Ortega (2022). O artigo aponta duas situações que pesquisadores trilham nos estudos atuais de orientação fenomenológica: “reinterpretar textos canônicos de Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty; demonstrar a relevância da fenomenologia para as análises críticas das diversas identidades sociais” (Silva, 2024, p 147).



### Considerações finais

Há reflexões decoloniais nas publicações científicas gestálticas? Muito incipientes. Com a pergunta e com a resposta encerro a composição, ensejando colaborar para o alargamento de estudos teóricos e empíricos que constituam um pensamento decolonial gestáltico. É necessária à continuação desta pesquisa, incluindo outros desdobramentos, por exemplo: qual o perfil das autoras e autores na Gestalt-terapia que estão delineando o diálogo referido?

O sistema Gestáltico enfatiza a consciência temporal vivida do presente, a responsabilidade pessoal e com o outro. Em sinergia com o Pensamento Decolonial pode ampliar a compreensão do como as mazelas econômicas afetam a saúde humana; das estruturas de poder e do conhecimento científico que perpetuam a desigualdade, o que é crucial para reconhecer e enfrentar as formas sutis de opressão neoliberal e colonialidade.

Que novas edições de ambos os periódicos possam divulgar pesquisas qualitativas que forneçam informações para reorientar as pessoas atendidas (alunos, usuários mulheres pretas, etc.) na reelaboração da sua potência e relações. Diálogo entre os grupos que produzem estudos em todas as regiões brasileiras; abertura de editores, autoras, e da comunidade gestáltica aceita desenvolver interrogações sobre as estruturas de poder internas e globais, valorizando as experiências marginalizadas de pessoas não binárias, povos originários; *queer*, mulheres velhas e homens velhos. A ênfase gestáltica em relações autênticas pode ajudar a construir comunidades de apoio, enquanto o pensamento decolonial oferece a base teórica para a solidariedade.

### Referências

AZEVEDO, Wagner Fernandes de. O legado de Aníbal Quijano para o pensamento latino-americano descolonizado - **Instituto Humanitas Unisinos – IHU**; 2018.

AZEVEDO; Roberta Noronha; SCORSOLINI-COMIN, Fabio & SPIZZIRRI, Giancarlo. “*Tem que nascer já com aquele dom*”. *Vivências de uma Jovem Travesti*. **Revista da Abordagem Gestáltica - Phenomenological Studies** - XXI (2): 202-212, jul-dez, 2015

BARROS, Marcelo Vinicius Miranda. Ensaio sobre racismo e ontologia: ser humano enquanto relações sociais não tematizadas. **Ekstasis: revista de hermenêutica e fenomenologia**, v. 10, 2, pp 288-315 2021

BELMINO, Marcus César de Borba. Paul Goodman e o problema da natureza humana a partir de uma leitura “gestáltica”: desdobramentos para o campo da política e da educação anarquista. **Revista IGT na Rede**, v. 13, nº 25, 2016. p. 234 – 252

BERNARDINO, Matheo. Gênero como Modalidade Existencial. - **Revista da Abordagem Gestáltica - Phenomenological Studies** - XXVII-01 (2021) | 47-55

BRANCO, Paulo Coelho Castelo, CARPES Cândida de Oliveira – Produção Gestáltica nas Bases de dados SCIELO e PEPSIC: Revisão Sistemática. **Revista IGT na Rede**, v. 14, nº 26, 2017. p. 72 – 86

CABRAL, Alexandre Marques. **Ecofenomenologia Decolonial**: variações fenomenológicas sobre alteridade. Ed. PUC-Rio: NAU Editora, 2022.

CONSEPE, UFPA. **Resolução n 194**, Currículo pleno do curso de graduação, bacharelado e licenciatura em Psicologia e Formação do psicólogo, 1973.

CONSEPE, UFPA. **Resolução n 4216**. Projeto pedagógico do curso de Bacharelado em psicologia. 2011.

COSTA, Pedro Henrique Antunes da; MENDES, Kíssila Teixeira. Psicologia, 60 anos, e a Crítica da Crítica. **Psicologia: Ciência e Profissão** v. 42, pp. 1-12, 2022.

DIMENSTEN, Magda; SILVA, Gabriel Nascimento; DANTAS, Candida; LEITE, Jader; MACEDO, João Paulo. Estudos pós-coloniais e decoloniais na pós-graduação em psicologia. **PsicolArgum**. 2021, jul./set., 39(105), 689-713

FANON, Fritz. **Os Condenados da Terra**. Ed. Civilização Brasileira, S.A, 1968.

FLOR, Tatyane Couto & GOTO, Tommy Akira. Atuação do psicólogo no CRAS: Uma Análise Fenomenológico-Empírica. **Revista da Abordagem Gestáltica - Phenomenological Studies** – XXI (1): 22-34, jan-jun, 2015.

FUKUMITSU; K. O.; HAYAKAWA, Júlia Y.; KUDA, S. E.; MUSHA, E. H.; NASCIMENTO, T. C.; OLIVEIRA, B. B.; ROCHA; E. H. G.; SANTOS; Daiany A. A.; UEKI, Karen & Vasconcelos, L. P. Tédio e Trabalho na Pós-Modernidade. **Revista da Abordagem Gestáltica Phenomenological Studies** – XVIII (2): 161-167, jul-dez, 2012

HAESBAERT, Rogério. Território e descolonialidade: sobre o giro (multi)territorial/de(s)colonial na “América Latina”. **CLACSO**, 2021.

HOLANDA, A. F.; KARWOWSKI, S. L. Produção acadêmica em Gestalt-terapia no Brasil: análise de mestrados e doutorados. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 24, n. 2, p. 60–71, jun. 2004.

LICHTENBERG, Philip. Psicología de la Opresión. Guía para Terapeutas y Activistas, **Revista da Abordagem Gestáltica Phenomenological Studies** – XIV(1): 141, jan-jun, 2008

LUGONES, María. Colonialidade e Gênero. In **Pensamento Feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Org. Heloísa Buarque de Hollanda. Bazar do Tempo, 2020

MELO, Rebeca Furtado de. Hermenêuticas topológicas, Filosofia latinoamericana e pensamento decolonial: a tarefa de descolonizar nosso pensamento. **Ekstasis: revista de hermenêutica e fenomenologia**, V. 10, N. 2, pp 23-42, 2021

MIGNOLO, Walter D. Colonialidade: O lado mais escuro da modernidade. **RBCS Vol. 32 nº 94 junho/2017**

MOEBUS, Ricardo Luis Narciso; Barreto, Alexandre Franca & Moraes, Maristela de Melo. Psicologia decolonial, contracolonial, por vir? **Estudos de Psicologia**, 41, 2024

NUNES, Lauane Baroncelli – Pensando gestalticamente a contemporaneidade. **Revista IGT na Rede**, v. 5, nº 9, p.185-199, 2008.

OLIVEIRA, Kelly Almeida de & AGUIAR, José Vicente de Souza. Fenomenologia e Saberes tradicionais: o que revelam as pesquisas de 2015 a 2019. **Ekstasis: revista de hermenêutica e fenomenologia**. V. 10, n 2, pp 132-158, 2021.

PALERMO, Zulma & GUIMARÃES, Deborah Moreira. Diferença epistêmica e diferença colonial: o papel do comparatismo contrastivo e das hermenêuticas pluritópicas. **Ekstasis: revista de hermenêutica e fenomenologia**, v. 10, n. 2 pp. 245-266, 2021

PEREIRA, Diogo Fagundes; GONÇALVES, Cidiane Vaz; SILVA, Cristiane Moreira da; ECKHARDT, Fabiana. O pensamento decolonial na psicologia brasileira. **Conhecimento & Diversidade**, Niterói, v 14, n 32, pp 181-193, jan/abr. 2022.1.

PIMENTEL, Adelma. Hermenêutica das concepções de ideologia no discurso clínico gestáltico. **Revista de cultura teológica**. Ano XXXII - V. 33, Nº 108, Mai - Ago, 2024

POÓ, Fernando Martín y OSTROVSKY, Ana Elisa. Cuatro desafíos para la enseñanza de la psicología. **Revista de Psicología**, 21(2), 116–134 | 2022.

PRETELO, Eleonôra Torres; QUADROS, Laura Cristina de Toledo - A Abordagem Gestáltica na universidade: desafio, construção, possibilidades. **Revista IGT na Rede**, v.8, Nº 15, pp. 175 de 184

Prática do shifting. <https://youtu.be/5rVWTyowtFE?si=jKFrKShLeCEcgJxM>

QUIJANO Anibal, Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In,; A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas. Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, **CLACSO**, 2005.

RODRIGUES; Mariana Alvarenga & CARMO; Marta. A Configuração do Significado de Família para Homossexuais: um Estudo Fenomenológico. **Revista da Abordagem Gestáltica - Phenomenological Studies** – XIX(1): 12-20, jan-jul, 2013

SALAZAR, Jazmín del Cielo Vázquez y VELÁZQUEZ , Bertha Margarita Viñas. Construcción de la realidad e imaginario en um migrante deportado. Estudio de caso. **Clínica Contemporánea**, Vol. 7, nº 3, pp 193-202, 2016 .

SANTANA, José Ricardo de Sousa, BELMINO, Marcus Cezar de Borba – “Identidades de gênero na perspectiva da teoria do self: uma leitura “gestáltica” acerca da sexualidade na contemporaneidade.

**Revista IGT na Rede**, v. 14, nº 27, 2017. p. 136 – 162

SANTOS, Paula Fernanda Fonseca de Araújo; LIMA, Sarah Batista Leite de. A família negra e o desenvolvimento afetivo saudável. **Revista IGT na Rede**, v.6, nº 10, 2009, p. 14 de 20.

SILVA, Guilherme A. da. Impureza crítica e a disputa por uma fenomenologia crítica. Tradução de “Critical Impurity and the Race for Critical Phenomenology” (2022), revista *Puncta. Journal of Critical Phenomenology*, vol. 5, Nr. 4, pp. 9-31. **Phenomenology, Humanities and Sciences** , Vol. 5 - 2 – 2024, 147-160.

### **Sobre a autora**

#### **Adelma Pimentel**

Titular na Universidade Federal do Pará. IFCH/Programa de Pós-graduação em Psicologia  
Pós-doutorado em Saúde Coletiva pela UFPR

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0048-4976> E-mail: [adelmapi@ufpa.br](mailto:adelmapi@ufpa.br)

Recebido em: 12/03/2025

Aceito para publicação em: 20/03/2025